

Flagrantes da “Hespanhola”: a epidemia de influenza na imprensa ilustrada do Rio de Janeiro em 1918¹

Ana Maria Mauad

Resumo

Esse artigo se debruça sobre o estudo das notícias que circularam na capital da República brasileira sobre a epidemia de influenza que abalou a cidade nos meses de outubro e novembro de 1918. Concede especial atenção às fotografias publicadas nas principais revistas ilustradas, que circulavam na cidade do Rio de Janeiro, com vistas a reconstruir o fenômeno epidêmico como notícia. Observa-se o ritmo do acontecimento em seu deslocamento dos jornais diários para as revistas semanais e a trama narrativa tecida por fotografias e textos em torno do impacto da doença na população e seus desdobramentos na rotina da cidade. Objetiva-se com esse estudo identificar na prática fotográfica inscrita na imprensa, no início do século XX, a elaboração do espaço público visual em que, as versões em disputa sobre o acontecimento revelam aspectos específicos dos fenômenos sociais.

Abstract

This article focuses on the study of the news that circulated in the capital of the Brazilian Republic about the influenza epidemic that shook the city during October and November of 1918. Special attention is given to the photographs published in the main illustrated magazines that had been circulating in the city of Rio de Janeiro, intending to reconstruct the epidemic phenomenon as news. The pace of the event is observed in its motion from the daily newspapers to the weekly magazines, along with the narrative plot created by photographs and texts about the impact of the disease on the population and its effects on the city's routine. This study aims to identify in the photographic practice registered in the press, at the beginning of the 20th century, the elaboration of the visual public space, in which the disputing versions about the event reveal specific aspects of social phenomena.

¹ Agradeço ao biólogo Victor Essus pela assessoria científica nos assuntos relacionados história do vírus. Este artigo foi produzido no âmbito do projeto “Dos arquivos as exposições: itinerários da fotografia pública no Brasil”, apoiado com bolsa de Produtividade do CNPq e CNE-FAPERJ.

"Rules to Prevent the Spanish 'Flu'

1. Avoid crowds;
2. Regulate body functions and keep them so;
3. Avoid the breath or expelled secretions from people suffering from colds;
4. Wash out the nose and throat two or three times daily by a nasal spray or douche and by gargle with 'normalmente salt solution' (1/2 teaspoonful salt to one glass (80 ounces) clean water);
5. All those in attendance on patients with influenza should wear masks;
6. Food simple and easily digested;
7. Drink water freely."

(*The Labor Journal*; Oct 11, 1918; 21, 39; American Periodicals, p. 1)

As regras acima indicadas foram preparadas pelo Dr. William F. Lincoln, médico da Cruz Vermelha dos Estados Unidos, responsável pela divisão que englobava os estados de Ohio, Indiana e Kentucky, Meio-Oeste americano. Regras simples e fáceis de seguir se tornaram a base da prevenção de uma doença pouco conhecida que somente nos Estados Unidos, no ano de 1918, elevou a mortandade anual para 224.000 óbitos.

Na mesma direção seguiam os procedimentos divulgados, no Rio de Janeiro, pela imprensa. Na seção "Notícias e Comentários", da *Revista da Semana*, de 26 de outubro 1918, publicam-se os conselhos intitulados: "Epidemia: para combater e debelar a influenza - conselhos - prevenções - remédios". A matéria recomendava que quando possível promover "o isolamento dos epidemiados e que se evite, nestes tempos, os cumprimentos - apertos de mão e ósculos de cerimônia" e tomar "cuidados higiênicos com o nariz e a garganta". Prognosticava que, embora de "natureza benigna" o mal era de "altíssima epidemicidade" (p.1). Tais indícios apontam para a simultaneidade das atitudes de prevenção diante da doença.

Uma amostragem realizada pelo jornal *The Independent*, apresentava o balanço espantoso do impacto da gripe, identificada como 'Spanish influenza', indicando o perfil da população afetada nos Estados Unidos e ressaltando:

the most remarkable about the great influenza epidemic was its extent. No important American city escaped and no country in Europe was unaffected. Altho the epidemic took the name of 'Spanish influenza', Germany has almost as high a death rate as Spain, and Canadá, England, Japan, Mexico and the islands of Pacific also numbered victims but the hundred thousand. (The Great Plague, The Independent, Feb 21, 1920)

Além do caráter pandêmico que assumiu a influenza de 1918, a matéria jornalística destacava as peculiaridades na forma como a doença atacava a população, com um maior número de óbitos entre os jovens de 20 a 40 anos, poupando a vida de crianças e idosos. A extensão, rapidez de contágio e perfil dos óbitos levou o articulista à seguinte conclusão: “Medical Science has rarely been confronted by so strange a puzzle”.

A gripe espanhola foi a pandemia mais avassaladora do século XX, acredita-se que tenha sido responsável pela morte de 20 a 50 milhões de pessoas em todo mundo entre os anos 1918 e 1919. Atualmente sabe-se que o agente responsável pela doença era uma cepa do vírus da influenza A H1N1, mas o patógeno só veio a ser descoberto quase duas décadas após o fim da pandemia de 1918 (Nature, 2005).

Em 1892, o bacteriologista Richard Friedrich Johannes Pfeiffer (1858–1945) declarou ter descoberto o patógeno responsável pela doença na forma de uma nova bactéria, nomeada *Bacillus influenzae*, também chamada de bacilo de Pfeiffer. Apesar de outras pesquisas não terem tido sucesso em confirmar a forte associação postulada por Pfeiffer, a noção de que a bactéria era responsável pela influenza humana havia sido instaurada. Essa noção perdurou até a pandemia de 1918 quando diversos grupos de investigadores apresentaram resultados, mostrando que o agente causador de influenza era capaz de sobreviver a passagem por filtros que retinham a bactéria, ou seja, um agente não filtrável: um vírus. Entidade que só viria a ser reconhecida em 1931 quando o pesquisador Richard E Shope (1901–1966), do instituto Rockefeller, publicou resultados identificando o agente etiológico da “influenza suína”, doença observada pela primeira vez no outono de 1918 (Taubenberge, Hultin & Morens, 2007).

O estranho quebra-cabeças que perdurou no campo científico, revelou-se na política da época por uma outra montagem, evidenciada no nome que tornou a gripe famosa - Espanhola. Embora como indicado acima, vários países tenham sofrido o surto epidêmico e não se tenha claro de onde partiu a onda viral, o fato é que a Espanha acabou injustiçada. Suportando uma difícil neutralidade durante a Primeira Grande Guerra, a Espanha foi primeiro país a relatar oficialmente os casos de gripe. Coube aos demais países, entre eles o próprio Estados Unidos, foco suspeito da geração da doença, fortalecer o vínculo injusto e reforçar o adjetivo de espanhola à gripe, consagrado pela memória histórica (Schtmayr & Cabral, 2012, pp.57-59).

Nos tempos do transporte a vapor, o vírus da gripe espanhola chegou à Capital Federal, entre fins de setembro e início de outubro, por duas vias, a primeira por Dakar,

trazida pelas forças brasileiras que atuavam na região (Schtmayr & Cabral, 2012,p.59); e a segunda, por meio do navio mercante inglês, S.S Demerara, que havia percorrido a rota Liverpool, Dakar, Recife, Salvador e Rio de Janeiro, onde aportou sem nenhuma quarentena. Do momento em que a missão médica brasileira retorna da África com infectados, por volta do dia 22 de setembro de 1918, dia em que o jornal “A Noite” estamparia na lateral da primeira página, a manchete “Sacrifício de dezenas de vidas brasileiras: A medicina perplexa ante “a influenza hespanhola”” (*A Noite*, 22/09/1918, p.1), significativamente ilustrada por um mosquito, até o balanço final dos óbitos feito pelos jornais e revistas em meados de novembro de 1918, o Rio de Janeiro colocou em cheque o mote d’O Binóculo: “O Rio Civiliza-se”.

Esse artigo se debruça sobre a epidemia de influenza que abalou a cidade nos meses de outubro e novembro de 1918. Elege-se as fotografias publicadas nas principais revistas ilustradas, que circulavam na cidade do Rio de Janeiro, entre as quais: *A Careta*, *Revista da Semana*, *Fon-Fon* e *O Malho*, como plataforma de análise objetivando reconstruir o fenômeno epidêmico como notícia. As fotografias veiculadas pela imprensa ilustrada nos anos 1910, embora dotadas de uma certa transparência que o efeito realista impresso na sua prática lhe atribuía, devem ser tomadas como artefatos, meios e suportes que agenciam a produção de sentido social no âmbito das culturas visuais.

O roteiro de análise se inicia com um balanço sobre as condições da imprensa carioca instituírem em fins da década de 1910, um espaço público visual, dotado de condições para a circulação de versões sobre um acontecimento que atingiu, praticamente, toda a população da cidade e em perspectiva todo o país. Na sequência, avalia-se a produção do acontecimento pelo ritmo do deslocamento da narrativa dos eventos dos jornais diários para as revistas semanais e pela disputa de versões em torno do impacto da doença na população e no cotidiano carioca. Neste momento, busca-se identificar características na construção do “fato noticioso” relacionadas à sua visualidade, à sua capacidade comunicativa, constituída pela trama narrativa de textos e fotografias.

Este roteiro se conclui com reflexões sobre as tensões entre presente e passado, cabendo lembrar, que esse texto foi escrito em plena pandemia da Covid-19, o que em certa medida justifica a sua elaboração. Ambiciona-se, portanto, com esse estudo, identificar na prática fotográfica inscrita na imprensa ilustrada semanal, a elaboração do espaço público visual em que as versões sobre o acontecimento revelam aspectos específicos dos fenômenos sociais.

Notas sobre imprensa, circulação de notícias e cultura visual no Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro, em 1918, já se consolidava como a capital reformada para um Brasil que buscava uma lugar no concerto das nações civilizadas. Contava, então, com um circuito de circulação de notícias, ideias e imagens composto por gama variada de jornais, revistas, livros, que repercutia nos debates e conferências nos teatros e cafés da Capital (Mauad, 2005; Barbosa, 2007). A força comunicativa da imprensa reverberava nas ruas da cidade, os fatos e suas versões, daí a sua escolha como cenário para se observar os desdobramentos da chegada da gripe em fato noticioso,. Soma-se a esse aspecto a condição da cidade de epicentro da epidemia, com maior número de óbitos vitimados pela influenza (Goulart, 2003, p. 40; Lamarão, S.; Urbinati, I. C., 2015)

Em “Metrópole a Beira Mar”, Ruy Castro (2020) faz da cidade personagem e destaca que , por esta época, o Rio de Janeiro já contava com uma quantidade significativa de jornais diários, entre quinze e dezesseis, circulando ao mesmo tempo, entre os quais: “ o *Jornal do Comércio*, fundado em 1827, a *Gazeta de Notícias*, em 1875, *O País*, em 1884, e o *Jornal do Brasil*, em 1891 - todos matutinos [...] Entre os vespertinos feitos para ler no bonde, ao voltar para a casa, *A Noite*, *a Notícia*, *A Rua*, *a Esquerda*, *a Gazeta da Tarde*, *o Correio da Noite*” (p. 43). Outros títulos, por conta da distribuição limitada, não conseguiam fazer frente ao alcance das assinaturas desses periódicos tradicionais.

Além dos jornais diários, a circulação de notícias na Capital Federal contava com o reforço das publicações semanais. As revistas ilustradas, no período comentado pelo cronista, destacam-se pelo volume de títulos e de públicos. Publicava-se para todos os gostos, idades, atividades e desejos, das revistas de variedades às especializadas em cinema, passando pelo público infantil, até o adulto contemplado pelas revisas ‘galantes’, leia-se eróticas (Castro, 2020, p.43, Mauad, 2005).

Publicadas nos sábados, as Ilustradas prometiam ser a distração do final de semana, além de cumprirem o papel de divertir, também informavam e ainda promoviam a educação moral de um público urbano e alfabetizado. O uso intensivo de ilustrações - fotografias e caricaturas, apoiava-se nas modernas técnicas de fotogravura, o que lhe garantia a nitidez adequada e na composição junto ao texto escrito, embora a relação entre texto e imagem só se limitasse ao breve descritivo de legenda. Em 1911, a reedição da revista *O Brasil Artístico*, Revista da Sociedade Propagadora das Artes, órgão da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, chamou atenção para a superação nas publicações ilustradas das tradicionais técnicas de impressão em prol das mais modernas, com destaque para a

fotogravura. A matéria ainda indicou como as melhores publicações ilustradas do país, "A Ilustração Brasileira, O Malho, Fon-Fon, A Careta e a Revista da Semana", justamente, por utilizarem a fotogravura nas suas páginas e na capa (Martins, 2001, p.309).

Os pregões dos jornaleiros, a exibição das publicações nas bancas de jornais distribuídas pela cidade sob o controle da comunidade italiana, o cinematografo com seus letreiros, o movimento dos cafés, e teatros, as fachadas dos edifícios da cidade reformada, as vitrines das livrarias e magazines, ateliês fotográficos, as prateleiras das lojas de alimentos com seus rótulos coloridos e ilustrados, a circulação dos bondes com cartazes de publicidade, os cartazes colados nas paredes, a luz elétrica, os adereços das moças, os chapéus dos rapazes, os cortes de cabelo, maquiagem das mulheres, tudo aguçava os sentidos no espaço público. Formas, cores, odores e ruídos da Capital que, abrindo-se para a internacionalização capitalista, reconfigurou as formas de ver e dar a ver a experiência social.



Figura 1



Figura 2

Uma busca nos bancos de imagem, de acesso livre, permite identificar a materialidade da experiência de acessar as notícias que circulavam na cidade por meio de vendedores, das bancas de jornais e quiosques (figuras 1 e 2). Observa-se nas imagens uma característica especial: o protagonismo das crianças na venda de jornais e revistas (figura 3), inclusive na imagem de São Paulo, ela se destaca em meio ao burburinho da Avenida Quinze de Novembro. (figura 4)

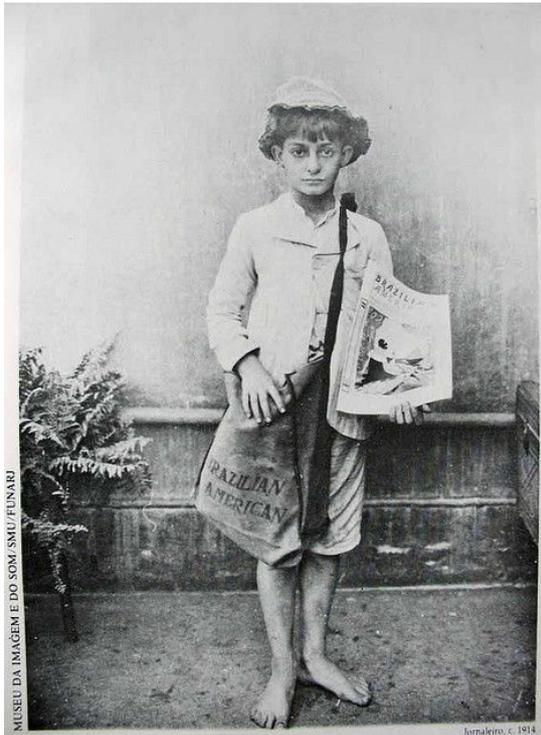


Figura 3



Figura 4

Neste cenário, cabe observar como as mudanças ocorridas na cultura visual das duas primeiras décadas do século XX impactaria a forma como os acontecimentos tornavam-se notícias. O livro *Cinematógrafo das Letras*, de Flora Sussekind (1987), foi precursor na compreensão do impacto da ampliação do horizonte técnico nas formas de percepção e representação da vida social. Interessada, sobretudo, no fazer literário, Sussekind não se limita a atividade dos escritores e os efeitos da modernização em seus misteres. A autora identifica as mudanças entre 1890 e 1920 em termos de dispositivos visuais e sonoros, apresentando um universo de artefatos que revolucionariam a vida que passaria a ser identificada como moderna. Entre eles estavam: *Kodaks* e popularização da fotografia entre

amadores, batedores de chapa, fotógrafos profissionais entre outros que poderiam atuar na imprensa; o cinematógrafo e seus congêneres – kinetoscópio e omniógrapho, que treinariam o espectador nas lides de público e audiência; buzinas, pianos e fonógrafos responsáveis pela sensação de efervescência com que se traduzia em cônicas a vida urbana; não ficou de fora nem o homem-sanduíche dos primórdios da publicidade para públicos variados.

Sussekind observa como ampliação do horizonte técnico, no período indicado, mudou a percepção que os moradores dos grandes centros urbanos, em que se incluía o Rio de Janeiro, tinham do seu entorno e de si mesmos. Em sua argumentação, enfatiza a dimensão visual das transformações e o impacto que a multiplicação de imagens técnicas exerceria no trabalho intelectual, e na própria técnica literária. Justamente, por seu foco recair na apreensão da visualidade transformada pela literatura do período, que seu trabalho se torna, em grande medida, precursor de uma abordagem da qual essa reflexão é tributária.

O debate sobre cultura visual consolidou-se, nos últimos trinta anos, nos campos dos estudos históricos fortemente apoiado na perspectiva transdisciplinar. (Knauss, 2008; 2006; Meneses, 2003; Mauad, 2016; Santiago Júnior; 2019^a; 2019^b). Destaca-se a compreensão seguindo Mitchell, (2005) da cultura visual como uma construção social do visual e uma construção visual do social, “vision and visual images [...] are actually symbolic constructions, like language to be learned, a system of codes that interposes an ideological veil between us and the real world”. Ou ainda como bem ponderou Villém Flusser: “O caráter aparentemente não-simbólico, objetivo das imagens técnicas faz com que o seu observador as olhe como se fossem janelas e não imagens [...] As imagens técnicas, longe de serem janelas, são imagens, superfícies que transcodificam processos em cenas.” (Flusser, 2002, p.14)

Ao transcodificar processos em cenas, as imagens fotográficas veiculadas pela imprensa semanal do Rio de Janeiro, habilitou aos seus leitores e leitoras o encapsulamento dos acontecimentos em ‘fatos noticiosos’. Estes, por sua vez, pulavam das páginas das revistas e circulavam pelos espaços públicos por onde as imagens fluíam: pelas bancas, nos quiosques, nas vitrines das livrarias, passando pelos cafés, cinemas, teatros e pelas praças, jardins e ruas em que transitava a população urbana atraídas pela imagem técnica que, aos poucos, educaria o olhar dos e das cariocas.

Em compasso com a ampliação do horizonte técnico da experiência urbana carioca, entre 1890 e 1920, os usos e funções da fotografia expandiriam os circuitos sociais de

produção, circulação e consumo desse artefato. A ampliação do acesso à fotografia, sobretudo, com a compactação das câmeras fotográficas nos anos 1910, vai ampliar o consumo e a produção das imagens. Os ateliês de fotógrafos no centro da cidade incrementam seus estoques de câmeras e insumos para a fotografia amadora, os aficionados pela arte fotográfica passariam a dividir espaço com os ‘batedores de chapa’.

As câmeras portáteis multiplicaram o potencial da prática fotográfica e da circulação de imagens, no caso da imprensa ilustrada, observa-se a profusão de flagrantes e instantâneos sem autoria e de retratos individuais e em grupo que bem poderiam ter saído dos álbuns de família. Os instantâneos fotográficos encontrados entre textos das revistas, muitas vezes só com o título “flagrantes”, fornecem a sensação de que o fotógrafo estava em trânsito pelas ruas da cidade, detém-se para fotografar algo do cotidiano que pode reverberar entre o público da revista. Em algumas publicações, se reconhece a assinatura de Augusto Malta, reconhecido fotógrafo da prefeitura do Rio, em outras, como a *Fon-Fon* se menciona um tal Botelho que circulava de bicicleta pela cidade para registrar os instantâneos para a revista, e Zenobio Rodrigo do Couto, identificado por Ruy Castro (2020, p.147) como fotógrafo de *O Malho*, responsável pelas fotos do levante do Forte de Copacabana, em 1922. Assim, os flagrantes nas vias públicas se tornariam uma espécie de serviço que a imprensa ilustrada oferecia para as ‘celebridades’ de ocasião.

A identificação de um espaço público visual se deu pelo compartilhamento das imagens entre as revistas, bem como, de notícias e personagens retratados pelos jornais diários, embora um número bem menor, em vista do uso limitado da fotografia na imprensa diária do período. A imprensa - diária e semanal - tiveram a função de dar inteligibilidade a vida social organizando o fluxo dos eventos em notícias, com seu ritmo próprio. A circulação de imagens entre os espaços ratificou essa perspectiva. Fotografias de cenas de teatro, de artistas de cinema, literatos, políticos ganharam vida e movimento nas telas dos cinematógrafos nas películas de ‘cavação’, nos filmes de ficção, nas encenações teatrais ou nas tertúlias literárias.

A literatura clássica sobre as dimensões pública e privada das sociedades modernas associa a distinção dos espaços sociais à constituição da sociedade burguesa (Habermas, 1984). Um processo histórico que teria como corolário a configuração do sujeito moderno livre das amarras da descendência nobiliária e pronto para conquistar o seu lugar no mundo social, pelos seus próprios méritos e capacidade (Gay, 1989). Entretanto, há que se atentar para a entrada do Brasil no “cenário das nações civilizadas”, ainda carregando o peso da

escravidão, legado que define a base da desigualdade das relações sociais em nossa história (Mattos, 2013; Grinberg 2019).

Os primeiros anos do século XX, identificado como o período pós-abolição pela historiografia especializada (Mattos & Lugão, 2004), apresentou tensões profundas no arranjo espacial da cidade com vistas a delimitar os espaços públicos nesse Rio de Janeiro, que se queria civilizar. Em obra clássica, Sevcenko (1983) apresentou o projeto de “regeneração” da cidade do Rio de Janeiro, durante o Governo Rodrigues Alves (1902-1906) que uniria reforma urbana com obras saneamento e deslocamento da população pobre para os subúrbios, com vistas a transformar a cidade colonial na “Paris dos Trópicos”. Nesse processo os agentes da modernização seriam os engenheiros, encarnados na figura de Pereira Passos, e dos médicos sanitaristas, na figura de Oswaldo Cruz.

Em parte bem-sucedida, com a construção do eixo monumental - a Avenida Rio Branco – a reforma do porto e a erradicação de doenças como a peste bubônica, a febre amarela e a varíola, causa de revolta popular por conta da campanha obrigatória de vacinação, o movimento da ‘regeneração’ não foi suficiente para superar aquilo que ainda hoje nos persegue: a desigualdade social. Portanto, os espaços públicos da cidade em 1910 foram desenhados para a fruição de uma burguesia emergente de raiz agrária e cosmopolita de verniz. O público-alvo das publicações ilustradas, essa elite endinheirada, afiançaria aos cronistas e fotógrafos anônimos a projeção de sua imagem como celebridade nas páginas das revistas (Mauad, 2005). Um espaço público visual hierarquizado pelas diferenças de classe, cor e gênero, próprias da sociedade patriarcalista e de matriz escravista. Não contavam com o vírus que contaminou com doses fortes de realidade esse espaço imaginário.

“O terrível flagelo”: a gripe espanhola como “fato noticioso”

A febre amarela, varíola, cólera, peste bubônica, epidemias que grassavam no Rio de Janeiro, do início do século XX, entraram para o noticiário da imprensa muito mais como efeitos do atraso da cidade colonial que necessitava de reformas e saneamento, do que propriamente como emergências sanitárias. Dito de outra forma, a doença não entrava nos noticiários como fato epidêmico, mas como fato político que gerava disputas e pelejas por parte dos políticos e da população. O episódio da revolta da vacina, com toda a sua extensão repressiva, contou com seis fotografias em uma única edição, em 27 de novembro de 1904, da *Revista da Semana*. Aliás, boa parte da iconografia da época, composta por desenhos e

caricaturas, enfatizava muito mais a figuração da ação discricionária dos agentes políticos encarregados de implementar as medidas de saneamento da cidade, do que do perigo da doença e seus efeitos sobre a população.

A epidemia da influenza, em 1918, com toda a sua virulência, trouxe a doença para o centro da notícia, deslocando a Grande Guerra na Europa à manchete secundária, nas páginas dos jornais diários e revistas ilustradas. A imprensa diária e semanal compõe a base da documentação dos estudos sobre o impacto da "Hespanhola", no Rio de Janeiro e em outras cidades do Brasil. (Brito, 1987; Goulart, 2003, 2005; Santos, 2006; Souza, 2008) Esta literatura trata a imprensa como plataforma privilegiada de observação do impacto da epidemia na cidade: "a espanhola representou um acontecimento singular, permanecendo na memória coletiva como tragédia sem par, sobretudo por ter transformado a morte em "problema social" de proporções desmedidas," (Brito, 1987, p.13)

Em cada estudo sobre a cidade do Rio de Janeiro, se aborda um aspecto da epidemia. Goulart (2003; 2005) analisa por meio da imprensa, de conjuntos documentais produzidos pelo poder público e dos estudos da comunidade acadêmica médica como a gripe espanhola foi tratada pelas autoridades públicas. Valoriza-se os atores em disputa e os desdobramentos da epidemia de gripe no processo de modernização da cidade. Goulart aporta registros interessantes, com destaque para a entrevista de uma testemunha da gripe que relata suas memórias, realizada nos anos 1990. Além disso, apresenta dados importantes sobre o sucateamento do serviço de higiene pública e da disputa entre os médicos ligados à clínica e aqueles que tinham formação em pesquisa. As atitudes diante da epidemia a partir de uma abordagem cultural e social do fenômeno médico leva Brito (1987) a aprofundar em seu estudo as questões relacionadas às representações coletivas sobre a doença e a morte. Esta linha de análise também é trabalhada por Santos (2006), trazendo imagens da gripe e colocando-as em perspectiva em relação a iconografia sobre a peste, buscando com isso indagar sobre as formas de elaboração das experiências do medo e do pânico associados aos surtos epidêmicos.

Observa-se, assim, o papel central da imprensa na inscrição do surto epidêmico na história da cidade, em conjunto com as memórias de Pedro Nava e Nelson Rodrigues, cada autor, a sua maneira, reconfigurando o passado em texto literário. Embora tratada como fonte essencial para o estudo do fenômeno epidêmico, não se observou, nesses estudos, um interesse especial em como a própria imprensa, sobretudo, a ilustrada com fotografias, inscreveu o acontecimento na experiência social da cidade. Vale indagar como a epidemia torna-se um fato noticioso, cujo ritmo das versões em disputa repercutiu nos

comportamentos e suas representações sociais. Para tanto, escolheu-se trabalhar com as quatro revistas ilustradas de maior circulação e e público consolidado, por serviço de assinatura (Mauad, 2005): *A Careta*, *Fon-Fon*, *Revista da Semana* e *O Malho*. Estas publicações encontram-se hoje digitalizadas na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, o que possibilitou o rastreamento das notícias sobre a expansão da epidemia, a montagem das séries temáticas e tipologias visuais, elementos constitutivos da metodologia adotada neste trabalho.

A *Revista da Semana* era a mais antiga das quatro escolhidas. Lançada em 1900, pelo jornalista Álvaro de Teffé, foi comprada na sequência pelo Jornal do Brasil, que passou a encartá-la como suplemento ilustrado, nos sábados. Foi a primeira revista a publicar fotografias e a assumir o perfil de magazine de variedades. Em 1918, a revista já havia passado às mãos dos jornalistas Carlos Malheiro Dias, Aureliano Machado e Artur Brandão, agora, voltando-se para o público feminino, embora ainda mantivesse em sua pauta temas da política nacional. (Dantas, verbete: *Revista da Semana*, 2015) A segunda da série foi *O Malho* lançada em 1902. Seu surgimento deveu-se ao caricaturista Crispim do Amaral, fundador e diretor artístico da revista, voltando-se para a crítica política. Em 1918, passou a ser dirigida por Álvaro Moreira e J. Carlos, mantendo-se como uma das mais prestigiosas revistas de crítica do país. (Dantas, verbete *O Malho*, 2015)

A *Fon-Fon*, lançada em 1907, e a *Careta*, em 1908, ambas se complementavam na função de entreter, educar e criticar com um amplo repertório de fotografias e caricaturas. A *Careta*, de formato menor que todas as demais (30 x 20 cm), voltava-se para a crítica política, sem renunciar à crônica mundana; e *Fon-Fon*, assumia o "perfil de semanário alegre, político, crítico e esfuziante. Leve, desejava fazer rir e alegrar seus leitores com pilhérias finas e troças educadas". (Dantas, verbetes: *Careta* e *Fon-Fon*, 2015) Diferenciavam-se, também, pela qualidade do papel e pela diagramação das suas páginas.

A epidemia de influenza chegou às páginas das Ilustradas, no sábado dia 26 de outubro de 1918, com duas semanas de atraso em relação aos jornais diários. O ponto de impacto da epidemia nos jornais aconteceu na terça-feira, 15 de outubro, quando os principais jornais matutinos e vespertinos estamparam, em letras garrafais nas manchetes, a situação calamitosa da cidade: “O Rio é um vasto hospital: a invasão da influenza hespanhola/ a desidia criminosa do governo” (*Gazeta de Notícias*, 15/01/1918); “A epidemia da ‘grippe’ toma cada vez maior vulto: Tem-se a impressão que o Rio de Janeiro é um vasto hospital” (*Correio da Manhã*, 15/10/1918); “O Mal: A população apprehensiva - É desolador o aspecto da cidade. Estabelecimentos que se fecham. Escolas, teatros, cinemas, fabricas” (A

Noite, 15/10/1915). Todos as três edições traziam fotografias, um aspecto pouco usual nos jornais diários, em cada jornal a tragédia ganhou o rosto do desespero, na espera da assistência médica, e da morte, com o corpo estendido no chão, rosto coberto e uma vela acesa, na legenda: “Luiz Lopes, o ‘hespanholado’ que morreu na rua da Misericórdia” (*A Noite*, 15/10/1915, 1ª página), imagem replicada na edição de 16 de outubro, do jornal *Gazeta de Notícias*, estampando a morte na primeira página e evidenciando a situação crítica da população.

As manchetes que explodem em outubro revelavam um processo dramático de aumento exponencial da epidemia, que chegou ao Rio em setembro, mas teve as notícias censuradas nos meios militares, como explica Goulart: “A censura e o desaparecimento das instituições sanitárias federais gerou grandes tensões e críticas”. (Goulart, 2005, p.106). Os números finais revelam um quadro catastrófico: 66% de uma população de 30 milhões de pessoas infectada e cerca de 35 mil mortos – 15 mil só na capital. Nos jornais diários, a bomba epidêmica que explodiu na edição de 15 de outubro foi lançando estilhaços até o final desse mês, quando em 31 de outubro, o jornal *Correio da Manhã* apresentou, na primeira página a “estatística dos mortos” feita pelo departamento de polícia da capital, com dados fornecidos pelos administradores dos cemitérios, evidenciando que entre 12 e 30 de outubro, 7730 pessoas haviam sido enterradas nos onze cemitérios das freguesias da cidade e arrabaldes.

A partir de novembro, a força da epidemia como notícia diária diminuiu significativamente, embora o número de óbitos continuasse crescendo, sobretudo, nos subúrbios. Na edição de 6 de novembro, a epidemia ainda ocupava a primeira página, mas como notícia secundária às tratativas do armistício na Europa. Entretanto, não se acompanhou mais os desdobramentos da doença, o que se anunciou foi a sua superação: “Liberando-se da acção nefasta da epidemia, a cidade normalisa-se” (*A Noite*, 6/11/1918). A *Gazeta de Notícias*, em franca oposição ao governo a ponto de batizar a epidemia de “mal de Seidl”, em alusão ao Diretor de Saúde Pública exonerado em meio a epidemia, concluiu a sua narrativa com o balanço final dos mortos: “As victmas do governo Wenceslaw: 20.000 mortos pelo ‘Mal de Seidl’”, acusando ao governo de esconder estatísticas “receioso de mostrar ao povo a extensão das desgraças ocasionadas pela sua criminoso desidia” (*Gazeta de Notícias*, 8/11/1918).

Nas revistas ilustradas, o impacto da epidemia se fez sentir, sobretudo, nas edições de sábado 26 de outubro e 2 de novembro. Nos quatro títulos analisados, a extensão no tratamento do fato epidêmico não foi igual: A *Careta*, dedicou sete edições ao tema da

epidemia; A *Revista da Semana*, três; *Fon-Fon* cinco números; e o *Malho*, dois números. Logo na edição de 26 de outubro, as revistas *O Malho* e *Revista da Semana*, notificam aos seus leitores a redução das páginas e a dificuldade de distribuição para os assinantes fora da Capital, por conta do surto epidêmico que desfalcou o número de funcionários.

A *Revista da Semana* dedicou uma coluna endereçada aos “Nossos Leitores” em que expunha os motivos das deficiências, configurando o quadro dramático pelo qual a cidade passava que vale ser reproduzido:

Numa cidade immersa na mais profunda desolação, com seu obituário decuplicado, com o commercio fechado, onde uma terça parte da população está enferma ou apenas convalescente [...] Nenhuma das nossas secções deixou de pagar à influenza uma pesada contribuição mórbida. Na redacção, na administração, nas oficinas de composição, impressão e encadernação, o pessoal sofreu um desfalque momentâneo superior a 80%. Esta laboriosa casa de trabalho, onde lidam mais de cem pessoas, está quasi paralisada, e só com a dedicação e o esforço dos que ainda resistem conseguimos arcar, embora deficientemente, com nossa pesada tarefa. [...] no meio da suspensão quase total da atividade comercial e industrial, só a imprensa, as pharmácias e as casas de gêneros alimentícios continuam a trabalhando. Ainda que diminuídos consideravelmente no seu número de páginas, os jornais e principais revistas continuam a publicar-se. [...] Na história da cidade não há memória de um acontecimento que possa comparar-se a esta calamidade. (*Revista da Semana*, 26/10/1918, p.5)

A singularidade de uma epidemia de influenza de enormes proporções na história da cidade, dimensiona o caráter espetacular que a cobertura concedeu ao acontecimento. O historiador francês, Pierre Nora, em seu artigo seminal “O retorno do fato” (1979), observou as metamorfoses do acontecimento que, de fatos cotidianos se transformam em notícias excepcionais, promovidas pelos meios de comunicação nas sociedades contemporâneas ocidentais. Nesta linha orientou-se a abordagem para indicar as estratégias operadas pela imprensa ilustrada ao traduzir em imagens cenas de um evento ‘monstruoso’ (Nora, 1979). Algumas características que esse fato noticioso assumiu seriam inéditas na cobertura de eventos pela imprensa ilustrada, indicando que a sua singularidade não se limitou a doença, mas estendeu-se à forma como ela foi noticiada: como fato visual; social e comunicativo, que constituem os percursos metodológicos que prescrevem a análise das quatro revistas.

No primeiro percurso, observa-se a dimensão visual da experiência social e como ela se apresenta graficamente nas páginas das revistas. Destaca-se o caráter replicante das imagens que transitam de uma revista para a outra, reforçando a ubiquidade da epidemia

e seu impacto. Constata-se na repetição das imagens, o reforço do caráter excepcional de tais cenas para a vida da cidade.

A fotografia da remoção dos policiais que adoeceram foi replicada por três revistas na edição do dia 26/10/1918; o registro dos marinheiros do navio americano *Pittsburg*, em frente ao cemitério do Caju, para enterrar os colegas que haviam sucumbido a gripe, foi publicada na *Revista da Semana* de 26/10/1918 e na *Careta* de 02/11/1918. A imagem dos marinheiros sendo tratados em enfermarias limpas e arejadas no Hospital Central do Exército foi replicada na *Careta* (16/11/1918) e na *Revista da Semana* em duas páginas (9/11/1918). As instalações do Hospital da Cruz Vermelha com equipes médica, enfermeiras e doentes apareceu nas edições da *Careta* (26/10/1918), *Fon-Fon* (26/10/1918) e *O Malho* (2/11/1918). A mesma foto do posto de Assistência Pública do Catumbi foi publicada na *Careta* e na *Fon-Fon* (2/11/1918). Imagens idênticas dos hospitais improvisados nas escolas foram publicadas em *O Malho* e *Fon-Fon* (9/11/1918). A foto da procissão de S. Sebastião saindo da Igreja do Rosário, no centro do Rio de Janeiro figurou na *Careta*, *Fon-Fon* e *Revista da Semana* (26/10/1918). A fotografia da ação humanitária na Escola Rodrigues Alves, em que a Sra. Wenceslau Braz, esposa do Presidente da República, posa em frente aos víveres a serem distribuídos, replicou três vezes no dia 2/11/1918, na *Careta*, *O Malho* e *Revista da Semana*. Já a foto da Sra. Carlos Maximiliano, esposa do Ministro do Interior, apareceu duas vezes em dias distintos: *Careta* (2/11/1918) e *O Malho* (9/11/1918). A busca por frangos e ovos, principais alimentos receitados para os ‘hespanholados’, foi fotografada e duplicada na *Careta* (26/10/1918) e *Fon-Fon* (2/11/1918). A foto do transporte de mortos em caixões foi repetida *Careta* (26/10/1918) e *O Malho* (2/11/1918).

abre na página da revista por meio do qual se observa a cidade e seus acontecimentos, tal efeito reforça o noção de transparência do meio fotográfico que, apoiado nos princípios realistas de representação visual, reforçou o automatismo da imagem técnica, alienando a sua dimensão de mediação resultante de uma prática social. Em algumas fotos, o observado retorna o olhar ao observador deixando evidente que a mediação está presente e o realismo, um simples efeito da forma de operar os códigos de representação fotográficos.

Careta

de acordo com as fórmulas oficiais, os medicamentos indicados para a influenza hespanhola. Explica que o seu filho não está atacado do mal reinante, mas de outra moléstia, que está em perigo eminente de vida, dependendo a sua existência dos remédios apontados na receita cuja manipulação implorava. — Nada! Foi a segunda, a terceira, a quarta farmácia em vão e só depois de uma angustiada peregrinação de oito horas, conseguiu finalmente obter o bem supremo que buscava.

Podem-se, pois, dizer que as farmácias, para os casos de urgência, não funcionam.

FRED ANTONIO

Um novo instrumento de música

Um cavalheiro necessitando de alimentar um enteado, não dispondo de mais de cinco mil réis, apesar de sua brilhante distinção social, e não podendo recorrer aos seus próprios recursos, por ser domingo, percorreu a metade da Capital Federal para achar um explorador que lhe prestasse o favor de lhe vender uma galinha por cinco mil réis e sem réstio de custo. Pode-se, pois, dizer que quem não viver mais de cinco mil réis terá de assistir à morte, por inanição, de seus parentes enfermos.

V

Quatro horas da tarde. Rua do Catete. Rola um caminho-automovel conduzindo uns dez ou doze cadáveres expostos ao olhar assustado e curioso dos transeuntes. O braço de um dos mortos, escapando

se, por entre as grades do carro, vê a accionar, macabro, numa sinistra oscilação. Algumas pessoas, cheias de indignação, querem protestar, mas temendo o contagio, não osam fazer parar o vehiculo para acomodar o defunto. Uma linda senhora, atendida na scena, talvez sem reflectir, disse: — Isto é castigo. O Brasil entrou na guerra e não mandou gente para o inferno. A peste veio matar aqui a gente que deveria ter morrido lá.

FRED ANTONIO

Um novo instrumento de música

Um musico norte-americano acaba de fabricar e lançar no mercado um instrumento de musica, formado pela combinação da harpa e da guitarra e que por isso elle denominou "harparita".

Esse instrumento combina a simples escala chromatica da guitarra com as acções particularmente bellas da harpa.

A caridade official



Distribuição de leite em Catumbi

Noticias e Commentarios

Aspectos macabros do Rio durante a epidemia



Um levoiro em plena rua, esperando condicoes para o enterro e que a litta não mais pode conservar em casa devido ao letido cadaverico!

Tomar um purgativo salino qualquer a qualquer hora e a formula seguinte:

N. 1

Uso interno 120,0
 Agua destilada 120,0
 Sulfato de sodio 30,0
 Assucar e s. para adoçar.
 Para tomar de uma a seis vez.

E a segunda fazer uso de capsulas com sulfato, acetato, sulfato de sodio, ou a formula seguinte, da Direccao Central de Saude Publica:

N. 2

Uso interno 100,0
 Agua destilada 100,0
 Bicarbonato de sodio 2,0
 Assucar e s. para adoçar.
 Para tomar uma colher de sopa de duas em duas horas.

Para a tosse e facilitar a expectoracao, usar a seguinte formula:

N. 3

Uso interno 100,0
 B. amido de radiz 4,0
 Acido de amonio 6,0
 Assucar e s. para adoçar.
 Para tomar uma colher de sopa de tres em tres horas.

DIETA

O uso do frango ou da galinha não são e indispensaveis.

A dieta deves ser mastica por meio de leite, suco de suco de caraca, de liguaca, de lentilha, de arroz, aveia, centeio, etc., etc.

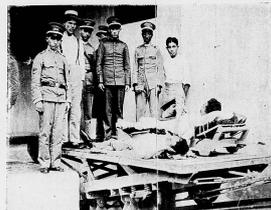
As nossas leituras

Perante os habitantes do Rio não precisamos de nos justificar pelas deficiencias da presente numero da Revista da Semana.

Nosso cidade temerosa na mais profunda deslucida, com o seu obituario desolador, com o cronome-

rio fechado, cada uma tempo parte da populacao está enferma ou apresenta convalescencia, e para se prevenir que esta coisa de trabalhos houvesse cessado sempre a empilhadora epidemia. Nenhuma das nossas exceptoes de pagar a influenza uma grande e retribuição morbida. No redatorio, no admissivel, nos officinas de composicao, impressao e maquetagem, o pessoal sofre um desfalque notavel e a actual epidemia de influenza e a sua deflacao na marinha do Rio de Janeiro, que attinge 10% do total da tripulacao.

A tripulacao do navio capitaneado e expedido a mercancia do Atlantico Sul, tendo na Guanabara, pagou o mesmo tributo a epidemia. Toda a tripulacao do Rio sentise conatada pela noite, indicoes dees rapazes, que pela sua condicoes se tinham imposto a sua afflictão e que nos acontecimentos do dia 21 foram sepultados em S. Francisco Xavier. Os maritimos norte-americanos, li no dia 22 e mais 11 no dia 23, o que representa uma porcentagem elevadissima de letalidade parca no epidemio do Pittsburg. Nenhum exemplo encontramos mais impressionante para se entender das poderosas thezas da actual epidemia de influenza do que esta deflacao na marinha do Pittsburg, que attinge 10% do total da tripulacao.



Uma remoção pela praça de atacados da epidemia

Figuras 9 e 10

Um outro aspecto, que vale ressaltar no percurso fato visual, relaciona-se ao uso de páginas gráficas: quatro páginas gráficas nas edições de 26/10 e quarenta e sete em três edições de novembro nas revistas *Fon-Fon*, *Revista da Semana* e *O Malho*, a *Careta* não se utilizou desse recurso para cobrir a epidemia. Compostas por fotografias dispostas em conjunto de três a oito em uma ou duas páginas em sequência, as páginas gráficas possuem função narrativa por dar conta, em vários ângulos, da dinâmica dos acontecimentos. A página gráfica publicada na *Revista da Semana*, na edição de 9 de novembro de 1918, intitulada “A luta organizada contra a epidemia”, composta por quatro fotos retangulares emolduradas em estilo *art déco*, com a legenda numerada no meio que indica o sentido



horário para a apreciação das fotos, que incluem aspectos médicos e logísticos do tratamento da enfermidade.



Figura 11



Figura 12

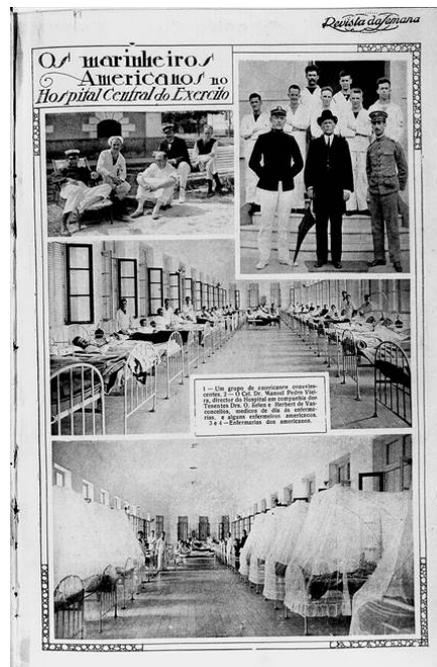
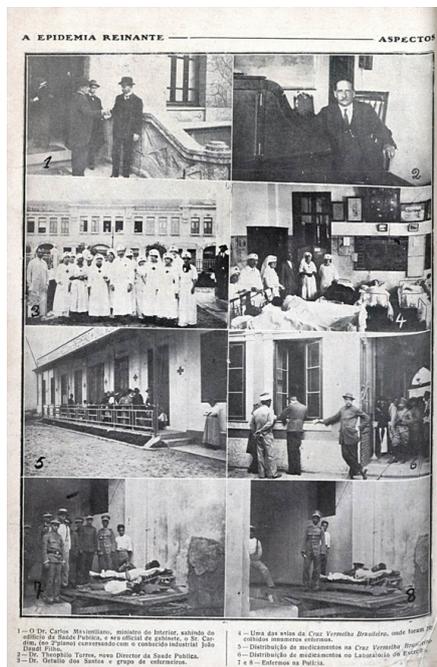
No momento da publicação dessas fotos, os jornais diários já haviam informado sobre as estratégias adotadas pelo governo, depois que Carlos Chagas tomou a frente do combate à epidemia em 21 de outubro de 1918, entre as quais, a de ocupar os prédios das escolas que

havam sido fechadas a partir da segunda quinzena de outubro pelo prefeito Amaro Cavalcanti. As escolas foram transformadas em enfermarias para o atendimento dos doentes, estratégia para complementar a escassez de postos de saúde e o colapso do sistema de atendimento dos hospitais do Exército e da Cruz Vermelha.

No segundo percurso, observa-se de perto a epidemia como fato social, identificando os personagens, os lugares e a dinâmica do acontecimento epidêmico nas revistas. Destaca-se aqui os aspectos associados ao ritmo temporal da inscrição da narrativa epidêmica na vida social do Rio de Janeiro, encapsulando o acontecimento epidêmico como fato noticioso. Nas revistas ilustradas, o detalhamento das informações dos jornais diários passa a ser sintetizado em imagens fotográficas acompanhadas de legendas e título. Entretanto, nos textos abre-se espaço para a crônica urbana em que a cidade, os médicos, os políticos e a população tornam-se personagens de uma trama em que se desenrola a notícia sobre a epidemia. Destacam-se cinco temas que tecem esta trama:

A epidemia

O desenrolar do surto na cidade que tem como personagens equipes médicas, enfermeiras, autoridades sanitárias, agentes de saúde e os doentes. Configurou-se neste eixo, a cartografia epidêmica da cidade, evidenciando o caráter desigual com que a população foi tratada.



Figuras 13 e 14

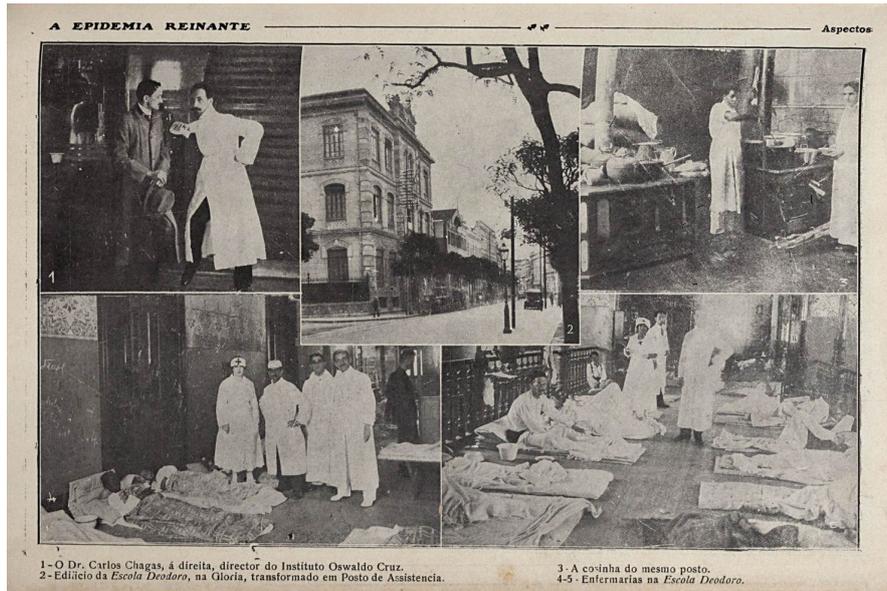


Figura 15



Figura 16

O cotidiano transtornado

Os impactos do surto epidêmico na rotina da cidade, o esvaziamento dos espaços públicos, a carestia, a busca de alimentos, remédios e demais gêneros de primeira necessidade, inclusive caixões. Os personagens centrais desta parte do enredo foram a população, os comerciantes, políticos e a própria cidade.



Figura 17



Figuras 18 e 19



Figura 20

A caridade

A resposta das senhoras da elite para o crescente contingente populacional que adoecia da gripe e de fome, que descia dos morros e se deslocava para os bairros elegantes do Centro, Catete, Laranjeiras em busca de socorro. A atitude filantrópica se estende para os subúrbios por meio de instituições de caridade e de amparo à pobreza. O tratamento dado à ação beneficente das senhoras e suas doações, em uma foto na qual esperavam que a população pobre se organizasse em fila e a outra foto, ratifica a desigualdade como eixo da trama social.



Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24

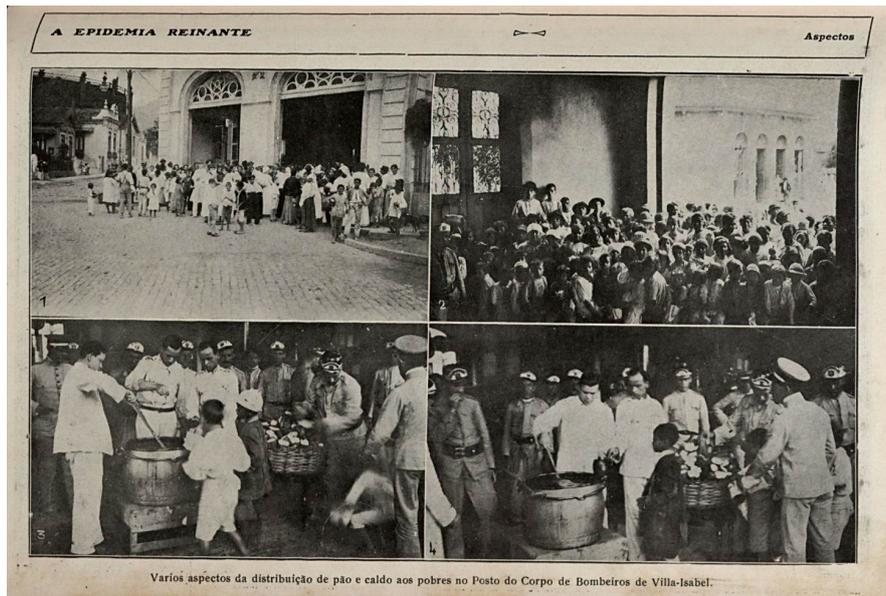


Figura 25

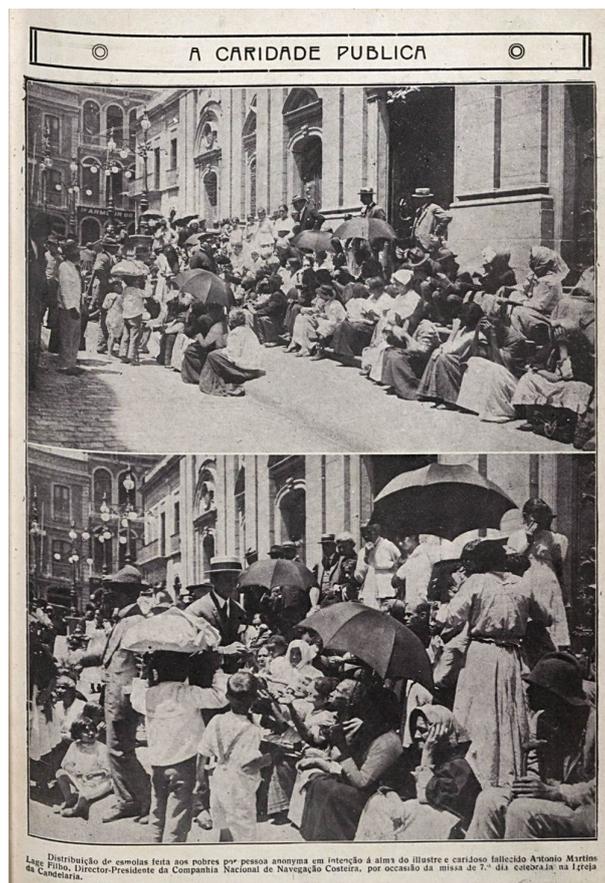
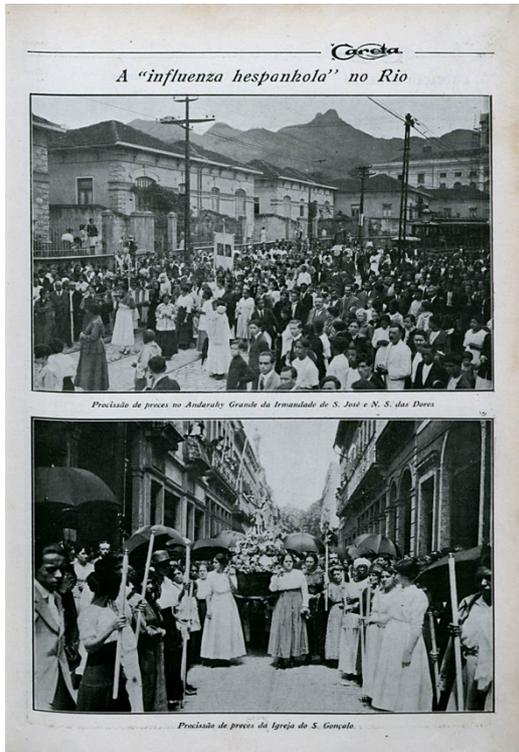


Figura 26

Manifestações religiosas

Missas e procissões, principalmente para São Sebastião, padroeiro da cidade, para dirimir o sofrimento e rezar para o fim da peste. Reunindo centenas de pessoas que se aglomeravam nos andores em que se carregavam os santos, com certeza, essas manifestações foram um dos principais vetores de disseminação da doença.



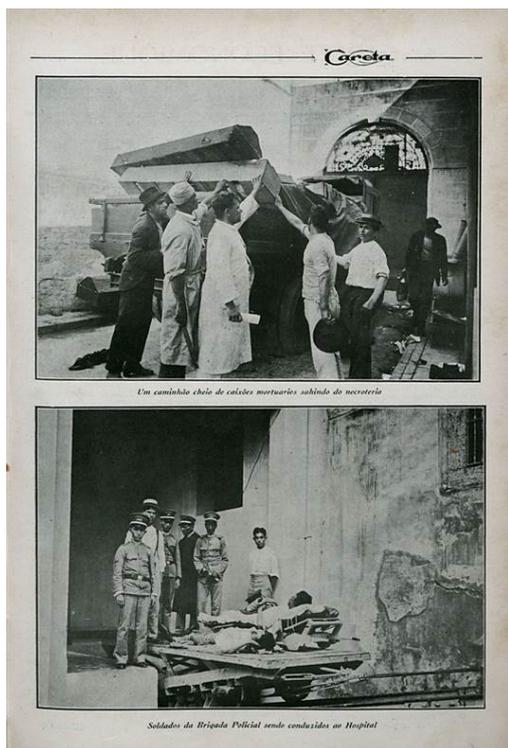
Figuras 27 e 28

Os mortos

O impacto do aumento exponencial do número de óbitos ocasionado pela transmissão rápida da doença e pelo agravamento súbito da situação dos doentes. Cemitérios com sepulturas sendo abertas, valas com corpos envoltos em lençóis amontoados, caixões empilhados esperando serem transportados por caminhões; velórios na via pública devido à demora no traslado dos mortos. Embora a gripe atingisse ricos e pobres, a representação dos mortos e da morte guardava o caráter de classe da sociedade, pois os mortos da elite entravam para o obituário com rosto em retrato posado em estúdio, ao passo que a população pobre era jogada na vala comum.



Figura 29



Figuras 30 e 31

O surto epidêmico noticiado pelas revistas traduz-se em um fato comunicativo. Embora estreitamente ligado à dimensão social e visual, o processo comunicativo nas revistas visa produzir uma mensagem endereçada ao seu público leitor - senhoras e senhores da elite urbana da cidade do Rio de Janeiro. Outubro e novembro foram os meses em que a epidemia de gripe tomou conta da cidade. Sábado, 26 de outubro, as edições de *Careta*, *Revista da Semana*, *Fon-Fon* e *O Malho* anunciaram “a trágica semana”, o “terrível flagelo” ou ainda “a tenebrosa situação da Capital da República”. Em editoriais, mais ou menos críticos ao governo, as revistas passam a noticiar a situação que se abateu sobre da cidade. Neste momento, o diretor de Saúde Pública Carlos Seidl já havia sido exonerado, em 17 de outubro, e substituído pelo Dr. Theofilo Torres, que indicou, em 21 de outubro, Carlos Chagas, diretor do Instituto Oswaldo Cruz, com a missão de organizar os serviços de atendimento à população enferma, identificada como ‘hespanholados’ pela imprensa. As escolas e serviços não essenciais haviam sido fechados em 15 de outubro por decreto municipal do prefeito Amaro Cavalcanti e o presidente eleito Rodrigues Alves havia sido diagnosticado com a moléstia.

Em 26 de outubro, foram publicadas nas quatro revistas 208 fotografias, sendo 25% relacionadas aos temas da epidemia. Ao longo do mês de novembro, foram publicadas 471 fotografias, sendo 43% sobre algum aspecto da epidemia. A tabela 1, com a distribuição das fotografias pelos temas, nas edições de cada revista, se observa o ritmo com que o acontecimento se elabora como notícia. Ainda nesta mesma edição, todos os temas são abordados pelas publicações permitindo uma perspectiva de 360° sobre o que estava acontecendo na cidade. Nas edições de dois e nove de novembro, se observa um aumento no número de fotografias com a ênfase se deslocando dos transtornos na rotina da cidade para os doentes, cuidados médicos, ação caridosa, crescimento dos óbitos e as procissões pela cidade.

Tabela 1 - Número de fotografias distribuídas pelos temas da narrativa do acontecimento epidêmico nas revistas populares ilustradas

| Dia | <i>Careta</i> | <i>Revista da Semana</i> | <i>Fon-Fon</i> | <i>O Malho</i> |
|--------------------------|--|---|--|--|
| 26/10 | 14 em 20 fotos | 15 em 29 fotos | 16 em 51 fotos | 10 em 10 fotos |
| Distribuição pelos temas | Tema 1 - 9 fotos Tema 2 - 4 fotos Tema 3 - 0 Tema 4 - 1 foto Tema 5 - 0 | Tema 1 - 2 fotos Tema 2 - 2 fotos Tema 3 - 3 fotos Tema 4 - 1 foto Tema 5 - 7 fotos | Tema 1 - 8 fotos Tema 2 - 7 fotos Tema 3 - 0 Tema 4 - 1 foto Tema 5 - 0 | Tema 1 - 0 Tema 2 - 5 fotos Tema 3 - 0 Tema 4 - 4 fotos Tema 5 - 1 foto |
| 2/11 | 20 em 21 fotos | 9 em 19 fotos | 36 em 54 fotos | 13 em 26 fotos |
| Distribuição pelos temas | Tema 1 - 3 fotos Tema 2 - 2 fotos Tema 3 - 9 fotos Tema 4 - 3 fotos Tema 5 - 3 fotos | Tema 1 - 1 fotos Tema 2 - 0 Tema 3 - 5 fotos Tema 4 - 1 foto Tema 5 - 2 fotos | Tema 1 - 16 fotos Tema 2 - 0 Tema 3 - 15 fotos Tema 4 - 0 Tema 5 - 5 fotos | Tema 1 - 4 fotos Tema 2 - 0 Tema 3 - 4 fotos Tema 4 - 3 fotos Tema 5 - 2 fotos |
| 9/11 | 12 em 20 fotos | 21 em 30 fotos | 33 em 65 fotos | 13 em 22 fotos |
| Distribuição pelos temas | Tema 1 - 5 fotos Tema 2 - 0 Tema 3 - 4 fotos Tema 4 - 0 Tema 5 - 3 fotos | Tema 1 - 16 fotos Tema 2 - 0 Tema 3 - 5 fotos Tema 4 - 0 Tema 5 - 0 | Tema 1 - 9 fotos Tema 2 - 0 Tema 3 - 0 Tema 4 - 7 fotos Tema 5 - 17 fotos | Tema 1 - 6 fotos Tema 2 - 0 Tema 3 - 6 fotos Tema 4 - 1 foto Tema 5 - 0 |
| 16/11 | 3 em 20 fotos | Não há fotos sobre a epidemia | | Não há fotos sobre a epidemia |
| Distribuição pelos temas | Tema 1 - 3 fotos | | 9 fotos sobre a epidemia em SP em páginas gráficas | |
| 23/11 | 2 em 21 fotos | Não há fotos sobre a epidemia | Não há fotos sobre a epidemia | Não há fotos sobre a epidemia |
| Distribuição pelos temas | Tema 1 - 2 fotos | | | |

No sábado, 26 de outubro, a edição da *Revista da Semana*, dedica, praticamente, todo o número à epidemia. Em seu editorial, apresenta a doença aos leitores defendendo a sua benignidade e a ação governamental. Nas páginas seguintes, complementa sua posição com notas variadas sobre a carestia, o aumento de procura flores funerárias, o caráter ‘democrático’ da epidemia:

Não foram só os humildes que pagar uma pesada contribuição à epidemia. No número dos mortos contam-se já cerca de 30 médicos e estudantes da Faculdade de Medicina. A lista fúnebre contém nomes dos mais ilustres na sociedade brasileira. A epidemia ceifou vidas das mais preciosas e deixou mergulhadas na mais dolorosa consternação algumas das famílias mais distintas do Rio - segue a lista de celebridades (“Semana trágica”, *Revista da Semana*, 26/10/1918).

Em suas fotos pode-se observar, médicos, enfermeiras, doentes em hospitais improvisados nas escolas complementam o esforço coletivo para salvar vidas. Embora, nos textos, enfatize a profilaxia e a benignidade da doença, as fotografias fornecem especial destaque para os óbitos, com cobertura em página dupla da situação dos cemitérios. Nos dois números de dois e nove de novembro, que ainda inclui fotografias sobre a epidemia, os textos não mais abordam a temática, deixando o protagonismo para as fotografias que se voltam para a valorização da ação beneficente das damas da sociedade carioca, com destaque para a esposa do presidente Wenceslau Braz e do Ministro do Interior, Carlos Maximiliano.

O *Malho*, em seus editoriais, não poupou críticas ao governo, chamando o ex-diretor de Saúde Pública, Carlos Seidl de múmia. Em especial, no sábado, dia dois de novembro, a seção “Notas da Semana” faz um balanço da gravidade da situação, apontando os responsáveis. Destaca a ação desastrada do Comissariado da alimentação que impôs confiscos e controle do comércio de produtos, levando mesmo a população com dinheiro não ter como comprar alimentos. Continua com as lições que a peste deixará, entre as quais, “[...] a principal é que não é estadista quem quer, quem, por isto ou aquilo galga as culminâncias de qualquer poder; só o é quem pode: quem nasceu para o ser; quem num momento anormalmente trágico, tem a visão larga que abrange toas as faces do problema subitamente posto em foco.” (“Notas da Semana”, *O Malho*, 2/11/1918).

Suas fotografias não acompanhavam o tom ferino dos textos, apresentando a mesma autonomia narrativa das suas congêneres. Observa-se, no número do dia 26 de outubro, a

valorização em imagens da cidade vazia, dos negócios fechados e da procura de alimentos, deslocando-se o foco, nos dois números seguintes (2 e 9/11), para a ação médica, os doentes, a ação caritativa das senhoras de elite, os pobres recebendo alimentos e as manifestações religiosas. É o semanário que apresenta menos fotos de óbitos.

A *Careta*, publicação que dedicou o maior número de edições à pandemia, pontua suas montagens com notas sobre os episódios da epidemia pela cidade. Ao longo das cinco publicações de sua cobertura, os artigos: “O momento” (26/10); “Episódios da Peste” (2/11); “Calamidade” (2/11); “Páginas da Cidade” (2/11); “Mudança de Atores” (16/11) compuseram o cenário macabro da cidade, denunciando o número elevado de mortos nas ruas da cidade, o transporte para os cemitérios, a espera na porta das casas e o descaso das autoridades. As fotografias acompanhavam o esforço das equipes médicas e de enfermagem no cuidado com os doentes, a precariedade do abastecimento de víveres e remédios. Foi a única publicação que inclui fotografias sobre ao controle da epidemia nos morros da cidade.



Figuras 32 e 33

A foto, de 9 de novembro de 1918, (Figura 31) apresenta as equipes sanitárias no Morro do Salgueiro, o qual notificou 800 casos; em 23 de novembro de 1918, é a vez do Morro de São Carlos, cuja legenda revela: " Neste local não houve socorro aos moradores"; na mesma página, outra foto, apresenta as condições de atendimento do Posto do Méier em que os doentes estão deitados no chão (Figura 32). Em outra edição mostrou fotos da visita de Carlos Chagas ao posto de assistência em Braz de Pina, com o sugestivo título "Grippe nos Subúrbios" (Figura 33).

A *Fon-Fon*, já na edição de 2 de novembro, anunciava o final da "Quinzena Trágica": "A epidemia que tão impiedosamente se declarou no Rio, paralisando a vida da cidade, cobrindo-a de luto e de tristeza, e, até ameaçando de fome, parece ter passado como um vendaval malfazejo, carregando vidas e alegrias no seu bojo monstruoso." (*Fon-Fon*, 2/11/1918). O tom otimista das primeiras linhas foi logo substituído pela péssima avaliação dos serviços de assistência pública, e do monopólio macabro da Santa Casa da Misericórdia sobre os serviços funerários. A cobertura fotográfica da revista valorizou as páginas gráficas com ênfase sobre o intenso trabalho dos médicos e enfermeiras, nos cuidados com os doentes, bem como sobre a ação filantrópica dos membros da elite e a valorização dos seus mortos por meio de obituários ilustrados com fotografias. (edição de 9/11/1918). Sendo a única publicação a trazer notícias de outro estado bastante afetado: São Paulo. (16/11/1918)

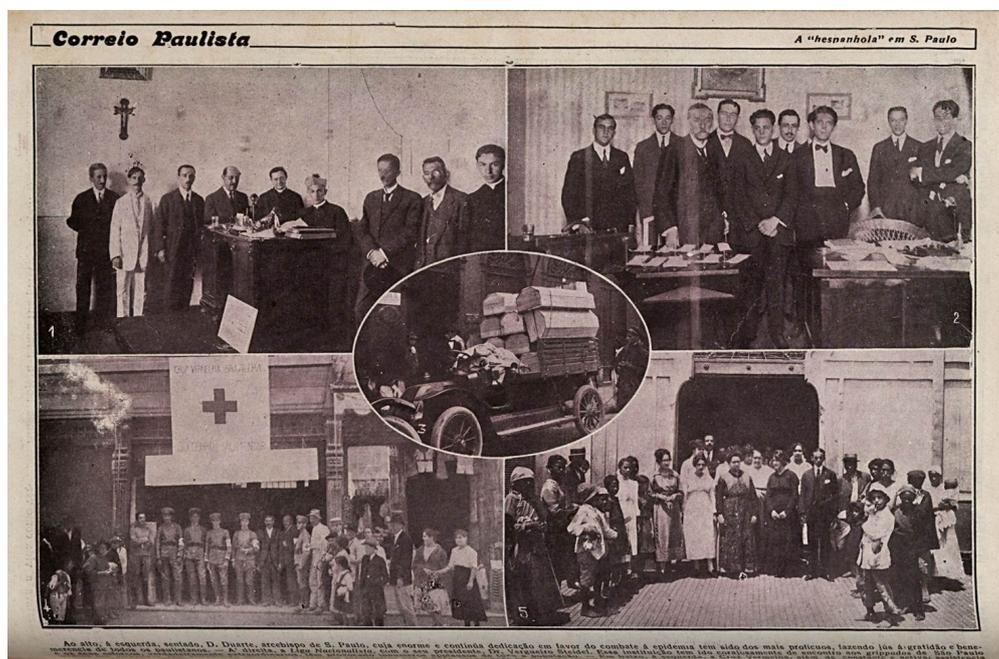


Figura 34

A imprensa, diária e semanal, ao tratar a epidemia como fato noticioso - visual, social, comunicativo - transformou o acontecimento em notícia. Dessa forma, ordenou o caos que se abateu sobre a cidade definindo os protagonistas, seus lugares e papéis sociais na narrativa epidêmica, naturalizando a desigualdade social. O final da epidemia foi também delimitado pelas revistas ao evidenciar um outro evento, o fim da Grande Guerra, com a assinatura do armistício em 11 de novembro de 1918. Um balanço geral da elaboração do evento epidêmico em fato noticioso evidencia algumas características que vale destacar:

1. Em que pese a dimensão global da epidemia, nas páginas das revistas assumiu um aspecto local, tendo como epicentro a cidade do Rio de Janeiro, e estendendo sobre em à São Paulo e as cidades mais próximas;

2. Notícias de fora do Brasil, sobre o evento epidêmico só uma nota sobre uma possível descoberta de cura em Estocolmo, noticiada pelo Chicago Daily News (“Notas da Semana”, *O Malho*, 26/10/1918);

3. O corte de classe assumido pela narrativa do fato noticioso. Observa-se que toda a população foi acometida pela gripe, com morte em várias classes sociais, entretanto, a medida que a doença se espalhava para os subúrbios e morros da cidade, as classes abastadas subiam a serra e se deslocavam visualmente para o espaço da vilegiatura. Deixando a cidade infectada para os demais. O impacto da influenza de 1918 na vida social se inscreveu de forma decisiva na memória histórica, ao ponto de serem convocadas quando uma nova pandemia nos vem amedrontar.

Conclusão provisória ou reflexões em curso

Concluo esse texto em plena pandemia da Covid-19, causada pela disseminação em dimensões planetárias do novo corona vírus (SARS-CoV-2). As pressões do presente me levaram de volta ao passado na tentativa de dar racionalidade à uma vivência inédita: quarentenas mundiais, óbitos em escalas exponenciais, enterros sem celebração dos mortos, entre tantas outras desgraças, propriamente, locais. Muito se debateu, no final do século passado, sobre o fim da história, a perda de um sentido para a marcha da humanidade faria com que vivêssemos sem mais sobressaltos. Não foi o que as primeiras décadas do século XXI apresentou, nem vale arrolar a lista de desafios que temos pela frente. De fato, a história não ensina lições e só se repete como farsa, entretanto, nos fornece parâmetros para compreendermos a dinâmica da vida social a cada tempo.

A gripe espanhola foi acionada pelos diferentes veículos de imprensa como a referência fundamental para lidarmos com o novo vírus. A história pública aciona a memória histórica em textos e imagens, trazendo à tona essa experiência trágica que nos serve de baliza para projetar que um futuro ainda pode existir. A imprensa atual recupera, em tempos de redes sociais, o papel de radar para as sociedades, informando e orientando a coletividade.

Por fim, convoco duas imagens para reflexão sobre a relação presente e passado. A primeira, publicada na revista *Careta* de nove de novembro de 1918 (Figura 35) e a segunda, na primeira página do jornal *Folha de São Paulo*, de vinte e seis de abril de 2020. (figura 36). A triste semelhança entre as imagens apaga as diferenças das marcas temporais que nelas se inscrevem. A escolha pelo preto e branco da foto atual, remete a situação figurada a um outro tempo, criando uma ponte entre as duas pandemias. De fato, em ambas a morte é a protagonista e o sofrimento o enredo da trama narrativa. Fica a pergunta: conseguiremos, a partir dessas duas experiências limites para a humanidade, redefinir as formas de viver nesse mundo?



Figuras 35 e 36



Lista de figuras indicadas no texto

- Figura 1 - 1914. Banca no Largo do Machado,
<http://riodejaneirofotosantigas.blogspot.com/2013/06/1914-jornaleiros-do-largo-do-machado.html> acesso em 27 de abril de 2020
- Figura 2 - 1903 Augusto Malta. Comércio Largo da Carioca.
<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/2456> acesso em 27 de abril de 2020
- Figura 3 - 1914. Augusto Malta. Malta, o fotografo do Rio Antigo da Rio. Gráfica -1983 Funarj Museu da Imagem e do Som, Rio de Janeiro.
<https://www.pinterest.es/pin/464715255275677451/> acesso em 27 de abril de 2020
- Figura 4 - 1905. Guilherme Gaensly. Rua 15 de Novembro.
<http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/5715> acesso em 27 de abril de 2020
- Figura 5 - 1918. *Careta*, 2 de novembro. Legenda; “Marinheiros do Pittsburg que foram enterrar os companheiros de guarnição vitimados pela peste”
- Figura 6 - 1918. *Revista da Semana*, 26 de outubro. Atente para a inscrição na foto; “ Alegria, Alegria”. Na legenda se explica que “Marinheiros do Pittsburg que acabaram de sepultar 15 dos seus companheiros. A morte não assusta, riem dando exemplo de coragem”
- Figura 7 - 1918. *Revista da Semana*, 9 de novembro. Identifica a foto como sendo a “Enfermaria dos americanos”
- Figura 8 - 1918. *Careta*, 16 de novembro. Legenda: “Enfermaria dedicada aos marinheiros americanos do Pittsburg”
- Figura 9 - 1918. *Careta*, 2 de novembro. “Caridade oficial” , Legenda: “Distribuição de leite em Catumby”. Observe o menino em primeiro plano levantando a garrafa na direção do fotógrafo sorrindo.
- Figura 10 - 1918. *Revista da Semana*, 26 de outubro. Duas fotos na página, no alto intitulada “Aspectos macabros do Rio durante a epidemia”, um caixão é velado na rua, a legenda explica: ‘Um féretro em plena rua, esperando condução para o cemitério, e que a família não mais pode conservar em casa devido ao fétido cadaverico!’ . Note-se que o menino a esquerda de branco olha diretamente para o fotógrafo trincando a película que separa o fotógrafo do fotografado. Na foto abaixo, todos posam olhando diretamente para fotógrafo na condição de testemunhas do acontecimento, na legenda: “Uma remoção pela polícia de atacados pela epidemia”
- Figura 11 - 1918. *Revista da Semana*, 9 de novembro, pagina gráfica produz a narrativa dos

cuidados médicos, compondo uma visão organiza da atuação das equipes sanitárias.

Figura 12 - 1918. *Revista da Semana*, 9 de novembro, pagina gráfica publicada na sequência da anterior, reforça o aspecto de coordenação das equipes sanitárias, subdividas em duas frentes: Hospital Central do Exército e Instituto de Proteção e Assistência a Infância. Destaca-se ao centro da montagem a figura do diretor do Hospital do Exército, mas é o Dr. Moncorvo Filho quem rouba a cena, olhando diretamente para a câmera enquanto cuida de uma criança.

Figura 13 - 1918. *Fon-Fon*, 26 de outubro, pagina gráfica com a cobertura completa da situação: as autoridades políticas dando o rumo da organização dos cuidados da epidemia - o ministro da justiça na primeira foto, sentido esquerda para a direita de cima para baixo, seguida pelo novo Diretor de Saúde Pública Dr. Theophilo Torres; autoridades sanitárias reconhecidas pela sociedade; hospitais equipados e transporte de doentes.

Figura 014 - 1918. “Marinheiros Americanos no Hospital Central”, *Revista da Semana*, 9 de novembro, pagina gráfica em que se pode observar as diferenças no tratamento dos “hespanholados”. Hospitais arrejados, com camas e mosquiteiros de proteção faziam a diferença comparado com os postos de saúde e hospitais improvisados nas escolas.

Figura 15 - 1918. *Fon-Fon*, 2 de novembro, página gráfica com a narrativa dos desdobramentos da epidemia, se inicia com a pose de Carlos Chagas, o responsável pela ‘força tarefa’ que enfrentou e epidemia, transformando escolas em postos de assistência, o que garantiu atendimento para a população. Observa-se as instalações precárias com doentes no chão se estendiam a outros postos.

Figura 16 - 1918. *Fon-Fon*, 9 de novembro, página gráfica. Nessa sequência destacam-se nas fotos 2 e 3 as diferenças entre o improvisado das medidas que na ausência de leitos nos hospitais transformou até a escola paroquial em posto de assistência.

Figura 17 - 1918. *Revista da Semana*, 26 de outubro. A seção da revista traz em destaque a principal artéria da cidade, a Av. Rio Branco, completamente vazia, fotografia que replicou em todas as revistas como o pior sintoma da pandemia.

Figura 18 - *Careta*, 26 de outubro. A primeira de uma sequencia de páginas em que a revista apresenta fotografias do transtorno pelo qual a cidade passava acompanhadas por caricaturas como forma de aliviar o sentimento de medo provocado pelas imagens.

Figura 19 - *Careta*, 26 de outubro. Terceira e ultima foto em que se observa o deslocamento da população em busca de artigos de primeira necessidade. Quase a totalidade dos negócios foi fechada porque os funcionários ficaram doentes.

Figura 20 - 1918. *Fon-Fon*, 2 de novembro, página gráfica que sintetiza a movimentação de populares em busca de ovos e galinhas, indicados com a alimentação fundamental para os cuidados da gripe.

- Figura 21 - 1918. “ Altruísmo da Mulher Brasileira” , *Revista da Semana*, 9 de novembro, duas fotos em composição que destacam o protagonismo das mulheres de elite na ação caridosa.
- Figura 22 - 1918. *Fon-Fon*, 2 de novembro, página gráfica em que se apresenta o lugar de cada personagem no fato visual: as senhoras da elite posam para a fotografia e os pobres fazem fila aguardando a distribuição de alimentos.
- Figura 23 - 1918. *Careta*, 2 de novembro. Na escola Rodrigues Alves que havia se transformado em posto de assistência a Sra. Wenceslau Braz, esposa do presidente, posa com suas filhas, enquanto do lado de fora os “indigentes aguardando socorros” esperam.
- Figura 24 - 1918. *Careta*, 2 de novembro. No mesmo número da revista em outra página é a vez esposa do ministro da justiça, Carlos Maximiliano posar para a fotografia enquanto os pobres esperam a distribuição de alimentos do lado de fora. Observa o número significativo de crianças colocadas na frente do grupo este padrão também se repete nas demais fotografias com os grupos organizados para a pose.
- Figura 25 - 1918. *Fon-Fon*, 9 de novembro, página gráfica. Nos bairros distantes do centro da cidade a ajuda à população pobre feita pelo corpo de bombeiros e policiais. Destacam-se as filas com muitas crianças e mulheres.
- Figura 26 - 1918. *Fon-Fon*, 2 de novembro. A surto de gripe não escolheu vítimas, entre os óbitos muitas celebridades da sociedade carioca, entre eles os irmãos Lage que dominavam a navegação costeira no país. Na foto, um senhor não identificado pela revista distribui esmolas para a população em intenção da morte de Antonio Lage. A duas imagens feitas no centro do Rio, na Igreja Candelária, onde se rezou a missa pela alma do falecido, apresenta um grande contingente de pessoas que permaneciam nas portas das igrejas esperando auxílio realçando o cenário de desamparo da cidade
- Figura 27 - 1918. *Careta*, 2 de novembro. As procissões de preces espalharam-se pela cidade e arrabaldes convocando a população para rezar pelo fim da peste, mas provocando intensas aglomerações.
- Figura 28 - 1918. *Revista da Semana*, 2 de novembro. O obituário de figuras reconhecidas na sociedade carioca, com notas fúnebres e o retrato do morto, foi uma das muitas formas de apresentar a mortalidade da gripe. A forma de registrar a morte também guardou o corte de classe, celebridades tinham obituário e a população em geral ia para a vala comum.
- Figura 29- 1918. *Fon-Fon*, 2 de novembro. Página gráfica com quatro fotografias em que se evidencia o trabalho intenso dos coveiros em face da explosão do número de mortos. Destaca-se a foto 3 com os corpos envoltos em lençol jogados na vala comum.
- Figura 30 - *Careta*, 26 de outubro. No dia em que se inaugura a cobertura fotográfica da

epidemia nas páginas das ilustradas já se multiplicavam os mortos e o transporte se fazia em caminhões repletos de caixões. O que a fotografia não mostrou ficou registrado na crônica: “São oito e meia da manhã de uma quarta feira cheia de sol. A esquina da rua Pedro Américo e Cattete, na delegacia, há uma quadra do Palácio do governo, para um caminhão conduzindo cadáveres descobertos, sem caixão conduzindo cadáveres descobertos, sem caixão, estendidos nas taboas...” (*Careta*, 02/11/1918)

Figura 31 - 1918. *Careta*, 9 de novembro. Duas fotografias compondo uma só imagem em que se observa a visita de agentes de saúde no morro do Salgueiro na zona norte da cidade.

Figura 32 - 1918. *Careta*, 23 de novembro. Duas fotografias que fecham a cobertura da gripe na revista *Careta* a que mais números dedicou a epidemia e seus desdobramentos nas regiões da cidade e subúrbios. Destaca-se o tom de denúncia da legenda da foto inferior: “Morro de S. Carlos - Neste local não houve socorro aos moradores”

Figura 33 - 1918. *Careta*, 16 de novembro. Na reportagem fotográfica “A gripe nos subúrbios” a revista apresenta o rosto dos protagonistas - médicos clínicos e médicos sanitários - reunindo a ciência e a clínica médico-comunitária no combate à peste. Destaca-se o grande contingente populacional assistido nas periferias da cidade.

Figura 34 - 1918. *Fon-Fon*, 16 de novembro. Página gráfica que apresenta os aspectos da gripe em São Paulo

Figura 35 - 1918. *Careta*, 9 de novembro. Página com cinco fotografias que apresenta, de baixo para cima e da direita para a esquerda, o triste enredo encenado pela população carioca: do transporte de doentes, ao transporte de cadáveres, concluindo no cemitério.

Figura 36 - 2020. Lalo de Almeida/Folha Press, Folha de São Paulo, 26 de abril. Na primeira página uma das 16 fotos que integra o ensaio fotográfico sobre a alta do coronavírus na periferia de São Paulo, que pode ser acessado no site da FSP <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/cemiterio-dos-crimes-sao-luiz-reflete-alta-do-virus-na-periferia-de-sp.shtml?origin=folha>, acesso em 28 de abril de 2020

Obras citadas

A Noite (1918) Edições entre 22 de setembro e 7 de novembro, Hemeroteca BN Digital.

Barbosa, M. (2007) *História Cultural da Imprensa, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X.

Brito, N. A. de (1997) 'La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro'. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, IV (1) pp.11-30.

Careta (1918) eds. 0540; 0541; 0542; 0543; 0544; 0545, Hemeroteca BN Digital.

Castro, R. (2020) *Metrópole à Beira Mar: o Rio Moderno dos Anos 1920*, São Paulo: Companhia

das Letras.

Correio da Manhã (1918) Edições entre 15 de outubro e 7 de novembro, Hemeroteca BN Digital.

Dantas, C. V. (2015) *Verbetes: Revista da Semana, O Malhor, Careta, Fon-Fon*. Abreu, A. A. de (Coord.) *Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (1889-1930)*, Rio de Janeiro: CPDOC, FGV.

Flusser, V. (2002) *Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará.

Fon-Fon (1918) eds. 043; 044; 045; 046; 047, Hemeroteca BN Digital.

Gazeta de Notícias (1918) Edições entre 15 de outubro e 8 de novembro, Hemeroteca BN Digital.

Gay, P. (1989) *Educação dos Sentidos: A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras.

Goulart, A. da C. (2003) *Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense.

Goulart, A. da C. (2005) *Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro*, História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v. 12, n. 1, pp.101-42, jan.-abr.

Grinberg, K. (2019) "O mundo não é dos espertos: história pública, passados sensíveis, injustiças históricas", *História Historiografia* v. 12, n. 31, pp.145-176 - DOI 10.15848/hh.v12i31.1491

Habermas, J. (1984) *Mudança Estrutural na Esfera Pública*. São Paulo: Ed. Tempo Brasileiro.

Knauss, P. (2008) Aproximações disciplinares: história, arte e imagem. *Anos 90 (UFRGS)*, v. 15, pp.151-168. <https://doi.org/10.22456/1983-201X.7964>

Knauss, P. (1). O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual. *Artcultura*, 8(12). Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1406>

Lamarão, S.; Urbinati, I. C. (2015) "Gripe Espanhola", Abreu, A. A. de (Coord.) *Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República (1889-1930)*, Rio de Janeiro: CPDOC, FGV, e-book.

Martins, A. L. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas em Tempos, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial/FAPESP, 2001.

Mattos, H; Rios, A.M. (2004) *O pós-abolição como problema historiográfico: balanços e perspectivas*. *Topoi*, v. 5, n.8, pp.170-198.

Mattos, H. (2013) *Das Cores do Silêncio*. Edição revista. Campinas: Editora Unicamp.

Mauad, A. (2005) Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais Do Museu Paulista: História e*

Mauad, Ana Maria. *Flagrantes da "Hespanhola": a epidemia de influenza na imprensa ilustrada, Rio de Janeiro, 1918*

Cultura Material, 13(1), pp.133-174. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142005000100005>.

Mauad, A. (2016) Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas.

Revista Maracan, v. 12, n. 14, pp.33-48. DOI: <https://doi.org/10.12957/revmar.2016.20858>

Meneses, U. B de. (2003) Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 45, pp.11-36
www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf

Nature (2005) The 1918 flu virus is resurrected. *Nature* 437, 794–795.

<https://doi.org/10.1038/437794a> <https://www.nature.com/articles/437794a>

Nora, P. (1979) "O retorno do Fato", IN Le Goff, J.; Nora, P. (orgs). *História: Novos Problemas*, Rio de Janeiro: Liv. Francisco Alves, 2ª ed., pp. 179-193

O Malho (1918) eds. 0841; 0842; 0843; 0844; 0845; 0846, Hemeroteca, BN Digital.

Revista da Semana (1918), eds. 038; 039; 040; 041; 042, Hemeroteca, BN Digital.

Santiago Júnior, F. (2019). A virada e a imagem. *Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 27, pp.1-51. <https://doi.org/10.1590/1982-02672019v27e08>

Santiago Júnior, F. (2019a) Dimensões historiográficas da virada pictórica/icônica ou o que pode fazer o historiador quando faz histórias com imagens? *Tempo e Argumento*, v. 11, pp.402-444.

Santos, R. A. dos. (2006) O Carnaval, a peste e a 'espanhola'. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 13, n. 1, pp.129-58.

Schtmayr, H. G.; Cabral, M. C. (2012). *A virologia no Estado do Rio de Janeiro: Uma visão Global*, 2a ed., Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, p.180.

Sevcenko, N. (1983) *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Ed. Brasiliense.

Sussekind, F. (1987) *Cinematógrafo das Letras*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras.

Taubenberger JK, Hultin JV & Morens DM. (2007) Discovery and characterization of the 1918 pandemic influenza virus in historical context. *Antivir Ther.* 12(4 Pt B):581–591.
<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2391305/>

The Independent (1920) The Great Plague, Feb 21; 101, 3710; American Periodicals.

The Labor Journal (1918) "Rules do Prevent the Spanish 'Flu'. Oct 11; 21, 39; American Periodicals.